

Religião Morte de Yokaanam

25 ABR 1985

compromete seita

CORRÍO BRAZILIENS

A súbita morte do grão-mestre Yokaanam Oceano de Sá abalou a saúde administrativa e espiritual de uma das maiores e mais sólidas comunidades religiosas do Centro-Oeste: a Cidade Eclética, um império místico que resiste desde 6 de janeiro de 1956. A causa: a herança deixada por Yokaanam, que envolve desde 700 alqueires de terras férteis no município de Santo Antônio do Descoberto, a 60 quilômetros de Brasília, a um espólio de centenas de seguidores espalhados em oito estados e mais dois países.

Quem herdará essa império? Na falta de um outro líder e na ausência de leis específicas, foi criado um novo órgão dentro da comunidade: o Respeitabilíssimo Conselho Espiritual Administrativo, composto por um apóstolo e dois sacerdotes, a quem agora competirá definir os destinos da cidade e da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, doutrina fundada por Yokaanam no Rio de Janeiro por volta de 1945.

O Conselho, entretanto, ainda não está consolidado junto aos seguidores, especialmente os que frequentavam a Cidade Eclética por causa do líder morto no último domingo, quando também faleceu um outro líder: Tancredo de Almeida Neves, apenas um ano mais

velho que Yokaanam. As dezenas de fiéis que ontem lotaram a igreja-matriz da comunidade demonstravam que não pretendem abandonar a cidade, mas não escondiam o temor de que, a partir de agora, muita coisa deve mudar.

— Nada vai mudar — tranquilizou o sacerdote Samael, que junto com o apóstolo Eutichio e o sacerdote Capristano, formam o Conselho. “Cristo morreu e somente depois de sua morte é que o Cristianismo foi escrito e seguido” — procurou justificar Samael, acrescentando “já a Fraternidade foi escrita pelo mestre Yokaanam enquanto ele estava vivo. Agora, a nós cabe cumprir as suas leis”.

Na cerimônia de sepultamento, certamente essas rígidas leis, que proibem no Templo Universal (a igreja) e na própria cidade mulheres de calças compridas, não deixaram de ser respeitadas. A igreja, em reforma, foi dividida em duas alas. Na primeira, perto do altar, ficou o corpo de Yokaanam, tendo em volta os apóstolos, sacerdotes, samaritanas, “kodoches” e demais membros que formam a hierarquia da Fraternidade. Na segunda ala, o público em geral.

Durante a cerimônia não faltaram hinos e cânticos, assim como orações desconhecidas para

boa parte do público. Houve também um sermão do mestre-de-cerimônia, enaltecendo Yokaanam e traduzindo os ideais da exótica doutrina. Ninguém viu, entretanto, o sepultamento do líder nem sua própria filha, Elzira. Todos que ali estavam foram obrigados a sair do templo, já que o sepultamento não aconteceria no cemitério da cidade, e sim dentro da própria igreja, abaixo de onde ainda será construído o novo altar.

Aos poucos, os seguidores foram deixando a Igreja. Todas as portas e janelas do templo foram fechadas, e lá dentro só ficaram os que já haviam obtido as altas graduações da Fraternidade. Quem saiu, levou flores de lembranças, mas deixou um certo constrangimento por não ver o corpo do líder ser colocado na sepultura.

Enquanto muitos deixavam a cidade lamentando a perda do mestre, outros que permaneceram porque moram lá, não disfarçavam a preocupação sobre qual será o destino da Cidade Eclética e da Fraternidade. A dúvida tinha explicação. Afinal, ninguém viu ser obedecida uma das últimas recomendações do líder Yokaanam: a leitura do seu testamento, onde, conforme muitos que vivem lá sabem, estaria os nomes dos herdeiros espiritual e administrativo da Cidade Eclética.



A súbita morte do mestre Yokaanam deixou órfãos os seus seguidores e inconformada sua filha Alzina. Mesmo crendo na doutrina mística que ele deixou, seus irmãos em fé estão temerosos sobre o futuro da Cidade Eclética e de tudo o que ela representa, até mesmo o seu invejável patrimônio.

